

*Escritoras abolicionistas:  
o negro na obra de  
Amélia Rodrigues  
e Anna Ribeiro*

Ivia Alves<sup>1</sup>

O Brasil do século XIX entra na modernidade com uma contradição que vai atravessar o sistema social, prolongando-se até os nossos dias, que é a escravidão dos negros africanos, e seus desdobramentos - o preconceito e a exclusão social. No entanto, a pesquisa se interessa pelo século passado e como atuaram as escritoras diante da situação. A participação da mulher na luta pela abolição da escravatura, embora ainda não esteja de todo visível, parece ter sido grande. Mas na área da literatura ou do jornalismo ainda não se encontram pesquisas conclusivas

A mobilização política contra a escravidão de africanos e seus descendentes parece, no entanto, ter tido pouca inserção da maioria das autoras baianas com relação a esse aspecto constrangedor de um país que se propunha a ser livre. Também me parece bem diferenciada a atuação dessas escritoras diante das representantes pernambucanas. Ainda não se pode explicar a razão dessa contração da escritora baiana, enquanto as autoras pernambucanas chegaram a fundar revistas em torno da luta. Seria, por acaso, a sociedade da antiga capital da colônia mais conservadora? Estariam as escritoras impedidas de refletir sobre a escravidão por serem de famílias latifundiárias? Teriam elas receio de falar sobre os problemas sofridos pelos negros, pois provinham da mesma classe que os impunha? Ainda há muito a percorrer para responder esta questão.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária, Departamento de Letras/UFBA.

As escritoras até então resgatadas trazem pouca alusão à opressão dos negros, à sua condição de subalternos e excluídos da sociedade e não relacionam, como fazem as escritoras americanas, a situação similar entre a mulher e o negro.

Provavelmente, esta constatação, que não é conclusiva, — pois ainda apresento resultados parciais —, deve ser analisada por dois ângulos<sup>2</sup>.

O primeiro poderá estar relacionado com a situação que elas detêm na estrutura social, pois a maioria delas vem da classe de senhores territoriais, ancorados no trabalho escravo para a monocultura da cana-de-açúcar; a segunda, pode estar articulada aos limites impostos pela ideologia dominante quanto a participação das mulheres no âmbito público e principalmente no campo da política.

Analisemos o primeiro ângulo mais detalhadamente. Provenientes das camadas altas, invariavelmente imbricadas no cotidiano com escravos, quando se referem à escravidão apresentam um *olhar de cima*, como se pode observar pelas duas passagens de Anna Ribeiro em seu livro de memórias, *Longos serões do campo*.

*A sala de jantar era a mesma da costura. Havia ali o estrado, indispensável em todas as casas, no qual, logo pela manhã, se achavam sentadas as costureiras e rendeiras com as almofadas e os competentes balaços contendo os utensílios de costura e as peças do vestuário em confecção. (...) As escravas, que nas outras vivendas não ousavam erguer os olhos para a senhora, falavam desassombadamente à minha mãe, pedindo-lhe explicações sobre qualquer coisa, e ela dava-lhas benevolmente, expressando-se de modo a fazer-se compreender. Se alguma se mostrava indolente ou descuidada, advertia-a sem aspereza dizendo:*

*-Olha que dessa maneira não acabas a costura; é preciso mais diligência!*

<sup>2</sup> Este pequeno ensaio inicia uma das trilhas apontadas pelo projeto de pesquisa que atualmente desenvolvo, intitulado *A Literatura Baiana De Autoria Feminina Nos Séculos XIX e XX*, aproveitando o material coletado e que integra a proposta do grupo de Literatura e Comunicação, da Redor.

*E a rapariga a quem era feita a advertência abaixava a cabeça sem se mostrar ofendida porque reconhecia ter merecido a reprimenda. Isto observei eu, quando tive mais idade, na repetição de tais cenas.*

*Às vezes diziam as raparigas:*

*-Laiá, conte uma história; a gente muito tempo cosendo tem sono.*

*E ela contava-lhes histórias quase sempre tiradas da Bíblia, próprias a incutir-lhes idéias de moral e de religião. Eu, que também já as apreciava, não me afastava, prestando-lhes toda a atenção. (Anna Ribeiro; v2:65-6)*

II. *Recordo hoje com íntima satisfação o procedimento de minha mãe em relação aos escravos. creio não ser atribuível somente ao seu bom coração e a ter sido criada em uma casa onde eram os escravos tratados com humanidade. Julgo que devia-se, principalmente, à energia de seu caráter, que a levava a ter convicções inabaláveis. As crenças religiosas cooperavam também para isso. Em minha mãe, a virtude da caridade mais se manifestava tratando-se dos pobres escravos, porque o seu ânimo generoso sempre tomava o partido do fraco contra o forte, o opressor. Naquele tempo em que o escravo era considerado um ser muito inferior ao senhor, acarretou-lhe isto algumas críticas de espíritos atrasados, até de pessoas de sua família, críticas que ela desprezava soberanamente, como os espíritos superiores desprezavam as censuras dos zóilos, e não a faziam alterar os princípios. tendo ocasião, não temia afrontar a opinião contrária, dizendo que o escravo era nosso semelhante e como tal devíamos tratá-lo.*

*Era lamentável, então, ver como até pessoas de boa índole eram duras para com esses infelizes, pelo conceito errôneo que as fazia encarar os escravos como seres muito diferentes de nós. usavam das frases mais ferinas para rebaixá-los, e, à força de humilhações e maus-tratos, chegavam eles às vezes a um tal aviltamento, que se diria não pertencerem, na verdade, à espécie humana. Entretanto, nas casas onde eram tratados com humanidade, encontravam-se belos espécimens nessa raça desprezada. (v.II; p. 32)*

### Vamos a análise

No primeiro trecho, pude observar que a autora já está dialogando com um discurso dominante que divisa uma relação de dominação entre senhores e escravos tanto quanto a idéia de que estes

senhores tem uma relação de dominação e maltrato. Assim, a primeira leitura que se faz é que não há diferenciação entre as mulheres, construindo-se uma relação amigável. Mas a hierarquização de poder (tanto social quanto econômico - e de tarefas atravessa o texto, quando Anna divide a trabalho manual para as escravas, enquanto a senhora supervisiona, administra e faz um trabalho intelectual (a leitura de textos bíblicos e histórias edificantes) A autora procura, ainda, minimizar a diferença entre o grupo e a dona do engenho inclusive amainando qualquer atitude de recriminação da senhora sobre as possíveis infrações das mulheres negras.

O segundo trecho implica em uma diferenciação da família em relação a outras, texto atravessado pela relação de intimidade gerada pela convivência, mas que se percebe a posição de cima da narradora. Ela tem pena, chega até a aceitar o comportamento materno, mas há em seu discurso a idéia implícita de que cada um está bem em seu lugar e a subalternidade não é penosa, se o escravo for tratado com benevolência (social), com caridade (religião). Para este último trecho, chamo atenção apenas para certas palavras que não estão destituídas de semântica e que evidenciam seu olhar: *infelizes, belos espécimens*. Nenhuma revolta, nenhuma consciência de opressão ou da violência do sistema.

Mas interessante será a passagem seguinte:

*III Assisti à cena repugnante da avaliação dos escravos. À qual eu não dei então importância. Fiquei com as negrinhas em um lugar donde via o que se passava na sala em que se achavam o juiz municipal, o tabelião e outros funcionários (Era a partilha do espólio do seu avô) Os escravos entravam de um a um e ficavam em pé diante dos avaliadores. Cada herdeiro apresentava o seu avaliador: eram estes, portanto, três. Nem sempre combinavam sobre o preço, o que dava lugar a discussões sobre a qualidade da mercadoria, como se esta não fosse de seres dotados de razão, e, por conseguinte, de amor-próprio para se doer de ver seus defeitos patenteados em meio a escárnio e irrisão. Se alguma rapariga bonita, cochichavam entre si apreciações bem contrárias à moral, o que dava motivo à hilaridade de todos. Não podia eu ouvir tais julgamentos, mas lembro-me de risadas ruidosas, e das próprias escravas moças comentarem os*

*qualificativos ridiculos ou deprimentes dados às suas companheiras feias ou velhas.*

*Feita a partilha, sendo conhecido o resultado, foi em casa um dia de juízo, segundo a expressão popular. Choravam não só os que couberam aos filhos de minha tia Josepha, como os parentes e amigos destes, porque, entre os nossos escravos, havia afeições sinceras e espírito de família, o que não se dava com os escravos de cativeiro bárbaro, onde os sentimentos naturais pareciam asfixiados pelos maus tratos e humilhações. (v.II; p.30)*

No trecho acima transcrito, percebe-se que a autora não consegue se desvencilhar de sua classe, pois mesmo censurando a atitude dos adultos não lhe passa mais nenhuma emoção do que o sentimento de comiseração.

Inclusive soa seu discurso "na medida certa de uma sociedade conservadora, se compararmos a visão da estrangeira alemã e protestante Anna von Binzer, que pelos idos de 1881, chegava ao Brasil para ser preceptora de meninos da zona de café paulista. Ancorada nos ideais de liberdade, igualdade e com uma visão burguesa do trabalho, ela escreve:

*Neste país, os pretos representam o papel principal, acho que no fundo são mais senhores do que escravos dos brasileiros. Todo trabalho é realizado pelos pretos, toda a riqueza é adquirida por mãos negras, porque o brasileiro não trabalha, e quando é pobre prefere viver como parasita em casa dos parentes e de amigos ricos. em vez de procurar ocupação honesta. (Binzer; 40)*

Pela mesma época das reminiscências de Anna Ribeiro, uma outra escritora ensaia uma crítica sobre a opressão e sobre a desigualdade entre as etnias em sua produção. Embora, Amélia Rodrigues tenha um a dois poemas sobre o aviltante trabalho escravo, algumas referências em peças teatrais sobre como as pequenas negrinhas eram tratadas nas casas de burgueses, que não retomam o tema da abolição porque são posteriores ao fato, ela inicia sua carreira literária, escrevendo a peça para adultos, intitulada *Fausta*, na qual constrói um personagem negro, que é o centro da racionalidade e das decisões de uma família branca, aristocrata mas já

em decadência. Por sinal esta peça, levada à cena em 1886, continua até agora inédita, escondendo a inserção desta escritora em um cenário mais abrangente, o político<sup>3</sup>.

Mas não se pode deixar de sinalizar que esta autora vem de camadas pobres e portanto sua posição na sociedade situa a sua fala, que se apresenta mais próxima do excluído, tem mais simpatia com a sua subalternidade e mais questionamento com o seu trabalho. Basta que leiamos um soneto, escrito em 1885:

#### Verso e reverso

*Faz anos hoje a filha do senhor;  
Tudo é prazer nas salas do sobrado;  
Das janelas através o cortinado,  
Sai em jorros a luz, passa o calor.*

*Recende fora do banquete o odor;  
Soa em trilos o piano bem tocado;  
E os gorjeios de um canto apaixonado  
De rouxinol, nos lábios de uma flor.*

*Mas, enquanto lá dentro a festa, a dança,  
Brindes, discursos, riso, intemperança,  
Mistram-se ao fragor de urras e bravos,*

*Do engenho em negro e imundo calabouço,  
Presos num tronco vil pelo pescoço,  
Gemem, tintos de sangue, alguns escravos...*

<sup>3</sup> *Fausta* (drama em 4 atos), 1886. A autora estréia em 1883, já em plena campanha abolicionista. A peça encontra-se no seu acervo, na Fundação Instituto Feminino, em manuscrito, com correções feitas à mão pela própria autora. Por que ela não publicou? Provavelmente, porque só teve acesso à imprensa, anos mais tarde, em 1893, quando já havia acontecido a Abolição.

<sup>4</sup> In: SILVA, Aloysio da. *Amélia Rodrigues: Evocação*. Rio: S. José, 1963. p. 12-13.

A leitura do poema evidencia uma tomada de posição, a não aceitação de que uns trabalhem extenuadamente para o prazer de outros, que nem se lembram deles. Pode ser uma atitude melodramática, mas traz a “marca” de uma proximidade de lugar que talvez provenha da própria consciência feminista da autora que, desde o seu começo, questiona a condição da mulher e trava uma luta pela sua instrução, assumindo de forma adaptada as reivindicações feministas dominantes no mundo ocidental.

A consciência da subalternidade e da submissão da mulher ao cabeça da família (homem) e a falta de espaço na sociedade para a mulher manter-se pelo trabalho, ajuda a esta escritora a ser aproximada a tantas outras existentes na mesma época nos Estados Unidos da América. A atitude dessas mulheres é tentar reduzir as distâncias e encontrar uma semelhança entre as duas lutas.

Outro ponto a ressaltar é sobre o escravo, Lúcio, da peça *Fausta*. O enredo pode ser resumido da seguinte forma: uma jovem casadoira é órfã de pai e espera poder casar-se com um homem rico, a fim de salvá-la juntamente com a mãe de uma falência total, devido às dívidas de família. Ela aparenta ainda o esplendor da riqueza e tem mais de um pretendente: um velho, rico e jogador, um pretendente italiano que se diz médico e um estudante de direito mas pobre. É lógico que ela tende para o italiano enquanto o jovem pobre, ao ser rejeitado passa a beber. Mas é o escravo negro, da idade de seu falecido pai e criado e instruído junto com ele, que dá as cartas, mostrando o caminho que ela quer trilhar, descobrindo a farsa do italiano e arranjando as coisas para que ela se encontre com o jovem pobre e direito. Enredo simples e corriqueiro, talvez até lembrando semelhanças com o *Demônio Familiar* de José de Alencar, mas que não faz a caricatura do negro. O negro é uma pessoa instruída, com poder de raciocínio e decisão na família, além de ter certa hierarquia sobre a moça doidivanas. Ela confia nas suas ações e solicita seu aconselhamento. Na peça ele funciona como substituto do pai. Assim, o centro das ações da peça, como me referi acima, provém deste personagem, que ainda guarda a condição de escravo.

Neste caso, vale ressaltar que dentro de uma sociedade escravocrata como a de Santo Amaro, zona da cana-de-açúcar, a construção de um personagem negro a altura de qualquer outro branco, não deve ter passado despercebido. É o personagem que detém a fala e está quase em todas as cenas. Portanto, Amélia cria um personagem no mesmo patamar da classe dominante, ainda deixando explícito que a instrução igualaria os homens. Se nos lembrarmos de quase na mesma época, Anna Ribeiro escrevia sobre a ideologia dominante de que negros e brancos eram diferentes e se acrescentarmos que o cientificismo reiterava tal diferença, através do estudo das raças, não se pode deixar de registrar a audácia do texto para o local e para a época.

Embora Dain Borges, ao escrever sobre a autora, considere-a conservadora, fato que também não posso negar, diferencio-me dele por encontrar em Amélia um olhar bem pontuado para a problemática do excluído, com um discurso bem mais avançado que o existente entre as escritoras baianas de sua época. No entanto, não se deve exigir dessas escritoras uma posição audaciosa diante da sua época, que se revelava bastante limitadora tanto pelo positivismo, que ancorava a república brasileira quanto pela religião católica, que criava uma censura castradora com relação aos possíveis vãos da mulher do século XIX. Apesar do ideário positivista de Comte hipervalorizar seu papel como esposa e educadora dos futuros cidadãos do mundo, todo esse constructo ancorava-se na exclusão da mulher do espaço público e do trabalho remunerado, principalmente as da classe burguesa, modelos para sociedade principiante.

#### *Referências bibliográficas*

- ALVES, Ivya. *Visão do trabalho através dos textos de autoria feminina (no contexto da sociedade baiana do final do século)*. (no prelo)
- BINZEN, Anna von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. (ed. bilingüe)
- BORGES, Dain. *A escravidão*.

RIBEIRO, Anna. *Longos serões do campo: infância e juventude*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. V. 2

RODRIGUES, Amélia. *Fausta*. (drama) Inédito recolhido a seu acervo na Fundação Instituto Feminino da Bahia.